

# Dramas por detrás dos números em estudo de desempregados da antiga Estaco

*Os dramas de quem perdeu o trabalho que acreditava ser “para a vida” e caiu nas incertezas do desemprego são analisados num livro do sociólogo Pedro Araújo, centrado nas experiências dos desempregados da antiga cerâmica Estaco, em Coimbra.*

Intitulado “A Tirania do Presente. Do trabalho para a vida às incertezas do desemprego”, o estudo visa “a compreensão das vivências do desemprego e das lógicas de acção desenvolvidas pelos indivíduos para lidar com a privação de emprego”.

O objectivo, revela o autor, “foi ver a vida por detrás dos números. Estamos habituados a lidar com as estatísticas do desemprego, mas esses números não dizem nada sobre a completa instabilidade e incerteza com que as pessoas desempregadas vivem”, sublinha o investigador do Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra.

Perante o “boom de empresas a fechar em Portugal, como é o caso recente da Delphi, o estudo dá um retrato do que acontece às pessoas depois do

encerramento da fábrica”, adianta Pedro Araújo.

A obra do sociólogo, a lançar pela editora Quarteto, centrou-se em pessoas que, quatro anos volvidos sobre a falência da Estaco, ocorrida em 2001, permaneciam ainda em situação de desemprego.

Grande parte destes homens e mulheres entraram para a Estaco ainda muito jovens e encaravam a fábrica como “um emprego para a vida” e uma “segunda casa”.

“O tempo de serviço médio das pessoas com quem falei situa-se entre os 20 e os 35 anos. Quando se fala de ‘trabalho para a vida’ é, pois, necessário ter em conta que era com serenidade que as pessoas encaravam esse facto. Ao fim de tantos anos estavam, como diziam, ‘feitas ao serviço’ e isso, ao contrário do que agora nos querem convencer, nada tem de negativo”, sublinha.

A idade e a especialização desta mão-de-obra na indústria cerâmica foram alguns dos obstáculos à sua reintegração no mercado de trabalho. Após a falência da fábrica, em Outubro de 2001, viram-se dependentes de um Estado que encaram como “subprotector”.

“As pessoas ficam completamente desprovidas de meios

para sobreviver e completamente dependentes do Estado, situação inédita para elas, pois estavam habituadas a viver do seu trabalho”, acentua o sociólogo.

Na sua perspectiva, esta “dependência relativa do Estado tem de ser relativizada: acontece porque não há alternativas e o mercado de trabalho responde muito mal a pessoas com mais de 45 anos”.

“Há uma geografia de possibilidades nula. A única hipótese era sair de Coimbra”, adianta, observando que a solução de criar o próprio emprego, com o necessário espírito empreendedor que implica, não se adapta a qualquer pessoa.

Os sentimentos de segurança, conforto e realização incutidos por se trabalhar na Estaco “estão perdidos definitivamente” com o desemprego.

A Estaco, empresa que laborou durante mais de 70 anos na Pedrulha, chegou a empregar mais de um milhar de pessoas, algumas pertencentes à mesma família. Na altura do fecho empregava cerca de 230 pessoas, a maioria das quais se reformou.

O livro resulta de uma investigação realizada no âmbito da dissertação de mestrado de Pedro Araújo, apresentada em 2006 à Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.